

As prostitutas de Tocaia Grande: uma identidade em construção

[Marcelo Silva de Aragão*](#)

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma breve análise da representação identitária das prostitutas na obra *Tocaia Grande: a face obscura*. Para tanto, consideramos que o autor parte a uma nova empreitada neste romance, já que ele decide, declaradamente, contar a história na perspectiva dos excluídos. Percebemos, neste caso, uma certa centralidade das prostitutas na formação do “arruado” de Tocaia Grande. Nessa política de reestruturação, diferentemente de *Terras do Sem Fim*, o autor dará voz as meretrizes que, por sua vez, darão uma importante contribuição na formação do lugarejo em que se passa a narrativa. Nesse sentido, buscamos perceber a enunciação feminina na obra, tendo por base a construção da identidade feminina, passando pelos conceitos de multiplicidade nas questões de *identidade do sujeito*.

Palavras-chave: identidade, gênero, prostitutas.

Abstract

This work aims at giving a brief analysis of the representation of identity of the prostitutes in *Tocaia Grande: a face obscura*. To do this, we consider that the writer is undertaking a new taste in his novel, because he has decided, according to his own declarations, to tell the story from the angle of the excluded. In this case we may perceive a certain centrality in the prostitutes in the growth of the “village” of Tocaia Grande. In this strategy of restructuring, different from that of *Terras do Sem Fim*, the author gives a voice to the “girls” who, in their turn, will make an important contribution to the growth of the little community in which the narrative takes place. In this sense we are trying to perceive the definition of the feminine in the work, from the basis of the construction of female identity, as filtered through concepts of multiplicity in questions of the *identity of the subject*.

Keywords: identity, gender, prostitutes.

* Discente do curso de Letras/DLA/UESC. Bolsista do programa FAPESB/ UESC sob a orientação da Profª Drª Sandra Maria Pereira do Sacramento e integrante do grupo de pesquisa ICER (Identidade Cultural e Expressão Regional) consolidado pelo CNPq.

1-Introdução

Neste trabalho, pretendemos fazer uma breve análise da representação identitária das prostitutas em *Tocaia Grande: a face obscura*. Desta forma, estabeleceremos vínculo entre as relações de gênero das mesmas e sua condição, enquanto sujeito detentor de uma profissão marginalizada.

Trata-se de um ofício, que, nessa narrativa está sempre presente, uma vez que muitas mulheres ali se estabeleceram servindo de deleite aos tropeiros de passagem. Aos poucos, elas foram se abrigoando no local que era apenas um lugar de pernoite, mais tarde transformado na cidade de Irisópolis, acompanhando desde o início o progresso da localidade. Para chegar no *status* de cidade, muitos acontecimentos ocorreram, sendo presenciados pelos seus habitantes, principalmente, pelas mulheres-damas. Essas estiveram à frente de acontecimentos sempre catastróficos para o local, como: o assalto a “bodega” do turco Fadul, a enchente, que dizimou a localidade e a chegada da peste negra que se abateu sobre a população. No entanto, as alegrias também se fizeram presentes, incrementadas pela vida daquelas mulheres, transbordando para todos que ali moravam. A festa de São João e o reisado ficaram marcados na lembrança dos moradores do lugar, que foi definido por dois freires da Santa Missão como um antro de pecaminosidade.

A chamada cidade de Irisópolis tem suas origens contra os fundamentos religiosos, pois a área foi delimitada pelo Capitão Natário da Fonseca para ser uma futura cidade, depois que este arquitetou uma tocaia aos inimigos políticos do coronel Boaventura. Homem poderoso, que deu a Natário, como recompensa por sua fidelidade, o vale onde tanto sangue foi derramado devido aos anseios de domínio do Capitão.

Este vale, desprezível aos olhos da classe dominante local, surpreendeu a todos devido ao seu rápido crescimento. Confirmando, assim, os presságios do Capitão, quando previu o seu desenvolvimento.

Assim, o narrador desprovido de preocupação com a linearidade temporal vai contando diversos “causos” que envolvem jagunços, tropeiros e prostitutas, mas que têm como pano de fundo a história de Irisópolis. Essas últimas ganham destaque na narrativa, uma vez que desempenham papel central, para os acontecimentos, atrelados à construção de uma identidade diferenciada, se comparada aos modelos sociais vigentes até então.

2 – A História das Excluídas

A prostituição é uma das profissões mais antigas e o estereótipo reservado às profissionais do sexo, foi criado e estabilizado pelo poder patriarcal. Tanto que em um período remoto, quando surgiram as primeiras prostitutas, este estigma não existia, uma vez que elas viviam em um contexto matriarcal.

De acordo com a pesquisadora Nick Roberts (1998), alguns estudos recentes de pré-história e de antropologia confirmaram que a cultura da Idade da Pedra vivia sob o matriarcado. A mulher tinha um papel fundamental não só na economia, ao coletar 65 a 80 por cento do alimento da comunidade, mas também na perpetuação da espécie; uma vez que as crianças brotavam de suas entranhas, soando de forma mágica aos homens da época, que eram desprovidos de consciência de sua participação na procriação. Ignorantes de seu papel na reprodução, estes não tinham obsessão de posse pela sua prole, o que nos confirma que a unidade básica da vida social era matrifocal, ou seja, centralizada nas mães e em seus filhos.

A importância feminina não ficava somente restrita ao econômico ou ao social, mas também alcançava o religioso. Existia um culto à grande deusa que, de acordo com a crença da época era a criadora, preservadora e destruidora da vida. As mulheres eram consideradas encarnação

terrena da deusa e por meio das sacerdotisas xamânicas formava-se um elo entre a comunidade e a divindade. Esta ligação com o sagrado era proporcionada por meio do sexo, que ocorria de forma grupal liderado pelas sacerdotisas, também consideradas sagradas. Ainda segundo Roberts, na mesma obra citada acima, estas são consideradas as primeiras prostitutas da história, que estavam longe de ser estigmatizadas como são hoje.

Os homens, conscientes de seu papel na reprodução, passaram a sentir necessidade de posse pelos filhos e, aos poucos, os próprios governantes começaram a impor os deuses masculinos, subvertendo a grande deusa. Em pouco tempo, esta transferência de poder levou à expulsão das sacerdotisas do templo. Essas vinham sofrendo discriminação, na medida em que a figura da esposa começava a se consolidar visto trazer maior segurança ao genitor de que os filhos lhe pertenciam, despontando-se a divisão entre mulheres esposas e prostitutas. Segundo Nick Roberts, em 2.000 a.c já existiam leis consolidando esta segregação e em alguns textos antigos podemos perceber tal dissociação:

Em outro texto sumeriano, um pai aconselha seu filho a não se casar com uma prostituta do templo ou tornar uma delas a dona da sua casa, pois “além de estar acostumada a aceitar outros homens, ela seria uma esposa desagradável e intratável. Já começava a se ampliar a lacuna entre as “boas” — dóceis e obedientes — esposas e as “más” — sexualmente autônomas — prostitutas. (Roberts, 1998: 27)

Desta forma, percebemos que a marginalização foi uma construção alicerçada nos interesses androcêntricos no percorrer da história. Tanto que na própria obra *Tocaia Grande: a face obscura*, escrita em pleno século XX, percebemos ainda certa semelhança com as descrições das prostitutas em textos de 4.000 anos atrás. Em uma breve análise deste romance, com um olhar sobre as meretrizes, temos um fato que não pode ser rechaçado: o comportamento feminino de entregar o seu corpo, um patrimônio privado, a serviço do patriarcalismo.

3 – A Construção de Identidade Sob a Óptica Amadiana

De acordo com Stuart Hall (2004), a identidade é formada e transformada imersa em um sistema cultural, sendo definida historicamente, por isso ainda encontramos na obra do escritor baiano as prostitutas dotadas de um estereótipo de mulher “condenada”:

Quem não tem entendimento não deve escolher ofício de puta, que não é ofício singelo, é bem mais dificultoso. Ela pensa que basta catar piolho, arreganhar os dentes se rindo, botar cheiro nas partes, tá muito errada. Mulher da vida é iguala freira: quando entra pro convento, larga tudo. Pai e mãe, irmã e irmão, o nome verdadeiro e o direito de emprenhar e de parir. Só que freira vira santa e vai pro céu sentar na mão de Deus e a gente não passa nunca de puta, condenada sem salvação. (AMADO, p. 198)

Por outro lado, esta identidade que não é definida biologicamente, mas pelo contexto em que o sujeito se encontra inserido, assume uma multiplicidade, deixando de ser algo completo e unificado, de acordo com Hall:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (2004: 13)

Tendo em vista essas diversas “posições do sujeito”, ao mesmo tempo em que as personagens aqui analisadas transitam com o estigma de mulher marginalizada, conseguem no interior de suas representações identitárias transparecer a sua centralidade na obra. O próprio escritor se propõe em sua narrativa a contemplar não mais os coronéis ou a elite sul-baiana, e sim o povo; ele tenta endossar o discurso dos vencidos se auto-intitulando porta-voz destes, até mesmo antes de começar a narrativa: *Digo não quando dizem sim em coro uníssono.*

Quero descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios de História por infame e degradante. (Amado, p. 15)

Nesse sentido, o autor já parte declaradamente a uma empreitada diferenciada de outras obras ao contar a formação do “arruado” chamado Tocaia Grande. Este consegue deixar bastante clara esta distinção, uma vez que os habitantes do lugarejo são imigrantes, prostitutas e trabalhadores rurais, deixando de lado em seu discurso as famílias enriquecidas pelo cacau.

Podemos dizer que com esta política de “reestruturação”, Amado dá voz não só aos oprimidos em posição social, mas também às mulheres. Tornam-se estas detentoras de certo destaque, ganhando notoriedade, principalmente, na ação formadora de Tocaia Grande, que mais tarde vem a se chamar Irisópolis.

No romance, quando se menciona o lugarejo, é difícil dissociá-lo da figura das “raparigas”. Estas foram as primeiras moradoras que se deslocaram de outros lugares em busca de tropeiros que transitavam por ali, servindo de forte atrativo para acomodação de diversos trabalhadores rurais. No trecho abaixo, temos a chegada da primeira habitante:

..assistiu a chegada da primeira mulher-dama, Jacinta, mais conhecida por Coroca por ser de maior. A idade já não lhe permitia buscar freguesia de roça em roça; pousou ali, na expectativa dos tropeiros cada vez mais numerosos pois Tocaia Grande se tornara ponto de pernoite muito concorrido. (*idem*, p.44)

Além disso, elas eram as melhores compradoras do turco Fadul, trazendo também movimento econômico para o lugar:

A freguesia de fadul era vasta e variada: fazendeiros, as esposas, os filhos, gente de dinheiro e de prosápia: alugados, trabalhadores nas roças, quase sem vintém: jagunços, com suas amásias, arrotando lambanças; raparigas, os melhores clientes, os que mais compravam (*idem*, p.38).

Além destes indícios que confirmam a sua relevância na região, a própria manifestação polifônica que a obra amadiana evidencia, permite-nos perceber a auto-afirmação das personagens. Coroca, por exemplo, mesmo condicionada em sua marginalização ao olhar do “outro”, se auto-afirma diante do filho de um importante coronel da região:

— Tu ainda está viva, Coroca? E ainda fornicando, velha desgraçada? — Todos ali eram servos seus.

Coroca não era serva de ninguém e fornicando só podia significar coisa ruim. A velha deu o troco:

— Tu agora fala língua de doutor que a gente não entende. Dantes tu era um menino, vinha deitar na minha cama. Quem foi que lhe ensinou o que tu sabe de mulher, não foi essa velha desgraçada? (*idem*, p.108)

Percebemos um dispositivo discursivo desprovido de subserviência que traz à tona uma representação de identidade dotada de alteridade, uma vez que anula as diferenças de papéis sociais ocupadas pelo advogado e pela prostituta. Tanto Coroca, quanto suas companheiras de trabalho, que habitam o local, muitas vezes, tomam um comportamento que foge aos contratos sociais. No fragmento abaixo, as operárias do sexo, resolvem “tirar uma folga” na noite de forró:

Juntaram-se todas elas sem exceção para enfrentar os tangerinos, recusar o ditame imposto: se não tivessem o direito de fechar o balaio quando bem lhes aprouvesse, se não fossem donas do próprio xibiu que lhes restaria na vida miserável? Todas as que na ocasião exerciam o ofício em Tocaia Grande: Dalila, Epifânia, Bernarda, Zuleica, Margarida Cotó, Marieta Quinze Arrobas, Cotinha, Dorita, Teté e Silvia Pernambuco, desgranhadas, bêbadas, solidárias. Faltou

na relação o nome de Jacinta Coroca, não por esquecimento e sim por apreço e consideração: sozinha, valia mais que todas as outras reunidas (*idem*, p.184).

Diante desta ação coletiva, podemos constatar uma autonomia que não é restrita a uma ou a duas prostitutas, mas que engloba toda a classe trabalhadora que habita o lugarejo, quando juntas, decidem, pelo menos, àquela noite, não prestar seus serviços. Neste momento, é posto em xeque a figura da prostituta que, por dinheiro, fica à disposição dos caprichos masculinos.

4 – Considerações Finais

E assim a identidade das profissionais do sexo é construída em *Tocaia Grande: a face obscura*, chegando em alguns momentos, à *dessacralização* da imagem, construída no decorrer da História. Percebemos que, mesmo diante de uma identidade de prostituta imersa em um sistema cultural, as meretrizes desta obra são tomadas pelo autor sob uma outra óptica. Elas não são consideradas sagradas como as sacerdotisas dos antigos templos, mas também não carregam o estereótipo de mulheres excluídas pela profissão, já que, de alguma forma, são detentoras de certa autonomia.

O autor, ao se propor a contar a história dos excluídos, faz uma representação feminina diferenciada quando ameniza as exclusões sociais que as meretrizes normalmente sofrem na sociedade, através dessa autonomia que elas possuem no lugarejo. Apesar de se sujeitarem a servir sexualmente os tropeiros e a outros trabalhadores da redondeza, tinham seus momentos de prazer do sexo e da diversão, chegando a se negarem de trabalhar quando lhe conviessem. Nesse sentido, percebemos um sujeito de identidade múltipla, em construção, que transita pela obra com marcas influentes do patriarcalismo, mas é detentor de voz que rompe as imposições androcêntricas.

Referências:

AMADO, J. **Tocaia Grande: a face obscura**. 5 ed., Rio de Janeiro: Record. Rio de Janeiro. 1987

BERND, Z. **Literatura e Identidade Nacional**. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS Editora. 2003

CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2 ed. São Paulo: Editora: Paz e Terra, 1999.

HALL, S. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2004

ROBERTS, N. Trad. Magda Lopes. **As prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.